



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**JONAS DA SILVA MEIRELES**

***O Romance do Pavão Misterioso: uma metáfora do avião***

**GUARABIRA  
2023**

**JONAS DA SILVA MEIRELES**

***O Romance do Pavão Misterioso: uma metáfora do avião***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação/  
Departamento do Curso Letras Português  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de Licenciamento em Letras.

**Orientador(a):** Juarez Nogueira Lins

**GUARABIRA  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M499r Meireles, Jonas da Silva.  
O Romance do Pavão Misterioso: uma metáfora do  
aeroplano [manuscrito] / Jonas da Silva Meireles. - 2023.  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Coordenação  
do Curso de Letras - CH. "

1. Literatura de cordel. 2. Identidade Regional. 3. Metáfora.  
I. Título

21. ed. CDD 398.2

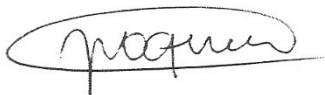
**JONAS DA SILVA MEIRELES**

***O Romance do Pavão Misterioso: uma metáfora do aeroplano***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação/  
Departamento do Curso Letras Português  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de Licenciamento em Letras.

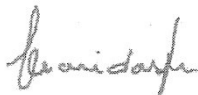
Aprovada em: 30/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Jr.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Ma. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela a oportunidade de concluir o curso de Letras Português, foram momentos difíceis por causa da pandemia a covid 19 vitimando muitas pessoas em todo planeta terra.

Aos meus pais in memoriam Noé Rodrigues de Meireles e a minha mãe Eusébia da Silva Meireles também quero deixar registrado os meus agradecimentos ao apoio do meu irmão Melquiades Meireles sentimento de gratidão que estendo a toda a minha família.

Ainda quero agradecer a todos (as) os professores (as) que contribuíram em minha formação profissional, especialmente agradecer ao professor Juarez Nogueira Lins por ser o meu orientador contribuindo de forma significativa na minha caminhada acadêmica, também agradeço ao professor Leônidas José da Silva Jr. e a professora Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins professores aos quais tenho grande admiração.

Enfim, não posso deixar de agradecer aos meus amigos Wellington Alves, Luceline Alves, Jeyse Guedes, Cristiano Santos, Marcos Sales, José Ricardo, Rosilanea Venâncio, Jessica Silva, Carolaine Cunha, Ademar Neto, Thiago Silva, Tiago Ribeiro, Rosana Souza, Tamires Lima, Diego Lima, Douglas Lima, Juliana Santos, Damião Cavalcante e Fátima Martiniano, pelo apoio e companheirismo durante o tempo em que estivemos juntos.

Sol da Justiça, a Estrela da manhã  
Tu és o meu alvo, o princípio e o fim  
Mesmo se o amanhã me fazer chorar  
Eu sei! Que o ar tranquilo posso respirar.

Autor: Jonas Meireles

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE: UM POETA CORDELISTA .....</b>	<b>10</b>
<b>3. SÍNTESE DE <i>O ROMANCE PAVÃO MISTERIOSO</i> .....</b>	<b>12</b>
<b>4. <i>O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO</i> E A SUA LEITURA .....</b>	<b>15</b>
<b>5. <i>O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO</i> E AS METÁFORAS .....</b>	<b>17</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## ***O Romance do Pavão Misterioso: uma metáfora do avião***

### **RESUMO**

Jonas da Silva Meireles <sup>1</sup>

Este artigo acadêmico tem por objetivo, compreender o uso da metáfora que está presente na literatura de cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, escrito pelo poeta paraibano José Camelo de Melo Resende, porém sendo publicado em nome do poeta paraibano João Melquíades Ferreira da Silva em 1923. É nesse contexto que inserimos a literatura de cordel como uma literatura que marca a nossa identidade regional, nordestina e paraibana. A temática da metáfora que está presente na narrativa da história *O Romance do Pavão Misterioso* nos mostra expressões metafóricas para causar impacto na leitura instigando a curiosidade. O texto poético nos mostra que o lugar de tempo e espaço ocorre entre a Turquia e a Grécia, ambos países da Europa, sendo que a narrativa é feita na terceira pessoa. A metodologia utilizada é bibliográfica, porque relativiza teorias existentes em prol da literatura de cordel. Para a realização deste artigo acadêmico usamos o seguinte aporte teórico: Brandão (2021), Costa (2014), Andrade (2014) Castro (1978). Entre outros.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Identidade regional; Metáfora.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação de Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III. E-mail: jonasmeireles41@hotmail.com



## **The Romance of the Mysterious Peacock: an airplane metaphor**

### **ABSTRACT**

This academic article aims to understand the use of the metaphor that is present in the Literature of Twine, *The Romance of the Mysterious Peacock*, written by the poet from Paraíba José Camelo de Melo Resende, but being published in the name of the poet from Paraíba João Melquíades Ferreira da Silva in 1923. It is in this context we insert Literature of Twine as a literature that marks our regional, northeastern and Paraíba identity. The theme of metaphor that is present in the narrative of the story *The Romance of the Mysterious Peacock* expressions us metaphorical expressions to make an impact on the reading, instigating curiosity. The poetic text shows us that the place of time and space occurs between Turkey and Greece, both European countries, and the narrative is written in the third person. The methodology used is bibliographic, because it relativizes existing theories around cordel literature. To carry out this academic article we used the following theoretical support: Brandão (2021), Costa (2014), Andrade (2014) Castro (1978). Between others.

Keywords: Literature of Twine; Regional identity; Metaphor.

## 1. INTRODUÇÃO

Apresentamos nesse artigo acadêmico um estudo sobre a metáfora que está presente em *O Romance do Pavão Misterioso*, embora não tenha sido a intenção do autor escrever uma história com expressões metafóricas que culmina em um texto poético, cativando a atenção dos leitores independente do tempo ou da época em que esteja sendo feita a leitura.

É importante mencionar que existe uma disparidade em relação a autoria do cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, entre José Camelo de Melo Resende e João Melquíades Ferreira da Silva, sendo eles de nacionalidade brasileira, nordestinos e paraibanos. O cordel foi escrito em 1923, porém sendo publicado posteriormente em nome do poeta João Melquíades Ferreira da Silva como sendo ele o verdadeiro autor.

É de grande relevância destacar a influência de outros povos em nossa cultura, nesse caso específico nos referimos a literatura de cordel, onde evidenciamos traços fortes dos portugueses em nosso território devido a sua expressividade política e sociocultural.

Apesar do cordel *O Romance do Pavão Misterioso* não está inserido como parte de uma literatura canônica, ele torna-se um clássico devido a sua expressividade. Isso nos faz entender a importância do cordel como parte de nossa cultura brasileira, nordestina e paraibana, pois essa literatura marca profundamente a nossa identidade e também pode ser entendida como uma forma que os poetas encontram para deixar o seu legado as futuras gerações.

É nesse sentido de compreender a importância da Literatura de Cordel, que colocamos em evidencia a oralidade como processo de comunicação entre os povos, muitas dessas histórias que atualmente conhecemos são oriundas da tradição oral, época que não havia registros de forma escrita, essas histórias eram criadas, cantadas e contadas de forma oral, sendo repassadas para outras pessoas até chegar em nossos dias atuais.

Pelo fato de o cordel não está ligado ao cânone<sup>2</sup>, é importante ressaltar que a Literatura de Cordel é tão importante quanto as demais que são produzidas em nosso país, por ser considerado um clássico da literatura brasileira. O cordel traz em sua origem uma identidade que marca a nossa regionalidade.

Sendo assim, como objeto de estudo, demarcamos nesse artigo acadêmico *O Romance do Pavão Misterioso* onde objetiva-se mostrar a metáfora que está presente em sua narrativa. Então, é por meio desse olhar que o autor usa as expressões metafóricas para que os leitores instiguem cada vez mais a sequência dos acontecimentos.

Para a realização deste artigo acadêmico foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente o levantamento bibliográfico em sites da internet, SciELO e no banco de periódicos da CAPES para consultar artigos científicos, a exemplo de Brandão (2021), Costa (2014), Andrade (2014) entre outros. O aporte teórico faz um diálogo com o livro metáfora machadiana forma e função, do autor Walter Castro, onde ele faz argumentos sobre a metáfora como estudo em textos literários.

A relação dessa temática como tema proposto em relação ao uso da metáfora, em *O Romance do Pavão Misterioso* como objeto de estudo é importante para que possamos entender os recursos linguísticos por meio da linguagem em um texto poético, onde o poeta pode usar de sua imaginação para causar um impacto.

---

<sup>2</sup> É uma palavra usada para servir de referência a um clássico da literatura.

Por fim, o artigo mostrar os resultados obtidos por meio de uma análise onde evidência-se de forma direta a relação entre o termo comparado e o termo comparante, nesse caso específico é possível colocar como sendo um avião ou algo que possa se aproximar de um objeto voador.

Enfim, este artigo acadêmico está dividido em 6 partes que fomentam a compreensão do objeto de estudo em relação ao *O Romance do Pavão Misterioso*, escrito em 1923 por José Camelo de Melo Resende.

Na primeira parte, encontra-se uma breve apresentação sobre o tema proposto como objeto de estudo, onde visualizamos a importância da metáfora dentro do texto poético, pois a literatura de cordel marca regionalmente a nossa cultura nordestina e paraibana.

Na segunda parte, argumentamos sobre vida e obra de José Camelo de Melo Resende, sendo ele apontado como o verdadeiro autor de *O Romance do Pavão Misterioso*.

Na terceira parte, temos uma síntese de *O Romance do Pavão Misterioso*, onde evidencia-se o tempo e o espaço, cenário em que as personagens estão inseridas.

Na quarta parte, encontra-se uma exposição sobre as novas leituras de *O Romance do Pavão Misterioso* como forma de divulgação da cultura popular nordestina.

Na quinta parte, encontra-se a contextualização da metáfora em relação ao objeto misterioso e desconhecido que na narrativa de *O Romance do Pavão Misterioso* esse invento recebe o nome de aeroplano pavão.

Na sexta parte, temos as considerações finais, onde retornamos de forma reflexiva a leitura sobre *O Romance do Pavão Misterioso* e a metáfora como recurso linguístico.

## 2. JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE: UM POETA CORDELISTA

Antes de falarmos da vida e obra do autor José Camelo de Melo Resende é preciso colocar em evidência o embate que existe entre a autoria de *O Romance do Pavão Misterioso* em relação a João Melquíades Ferreira da Silva, pois tudo que temos a respeito do fato ocorrido são apenas relatos para tentar explicar essa questão da verdadeira autoria da história.

É importante colocar em evidência que a versão<sup>3</sup> de *O Romance do Pavão Misterioso* referenciada neste artigo “[...] é a mais conhecida e foi escrita por João Melquíades Ferreira da Silva. O cordelista nasceu em Bananeiras - PB, em 1869, e faleceu em João Pessoa em 1933. Foi cantador e poeta de bancada”. (Oliveira, Corsi, Feldman, apud Marinho; Pinheiro, 2016, p. 13). Um poeta que também conseguiu ter visibilidade.

Apesar das críticas lançadas ao poeta João Melquíades Ferreira da Silva<sup>4</sup> sobre a autoria de *O Romance do Pavão Misterioso*<sup>5</sup>, independentemente de quais posições que venhamos tomar, não podemos jamais negar “[...] desde que a obra criada por José Camelo veio à tona, ela cada vez mais permanece viva no imaginário cultural brasileiro. Quanto ao texto recriado por João Melquíades [...] serve de inspiração para outras tramas”. (Brandão, 2021, p.16), que ainda poderão vir a existir.

<sup>3</sup> Refere-se ao cordel impresso em 1923, *O Romance do Pavão Misterioso* reescrito a partir dos originais por João Melquíades Ferreira da Silva

<sup>4</sup> João Melquíades Ferreira da Silva, é o poeta que fez a publicação de *O Romance do Pavão misterioso*, porém o nome Melquiades está grafado com “ch” da forma usual da época.

<sup>5</sup> É o título do cordel, um gênero literário que caracteriza-se como uma literatura popular.

Então, essa crítica em relação ao poeta paraibano João Melquíades Ferreira da Silva, nos mostra que:

Vê-se claramente [...] uma questão relevante quanto à autoria da obra. Esta é bastante problemática porque não está definida pelos direitos autorais a partir da criação (aquele que se baseia na originalidade da composição). Por sua vez, o enredo se apresenta em um novo texto – não mais aquele guardado na memória e expressado pela voz de José Camelo ao ser cantado –, recriação transposta da oralidade para a escrita. O nó da querela é o fato de que a nova autoria, a de José Melquíades, faz com que o texto recriado se torne a matriz (já que o original não veio à tona e foi pretensamente rasgado pelo verdadeiro criador) [...] Mas nada em torno da autoria de *O pavão misterioso* parece ser tão simples assim. O poeta José Camelo, por exemplo, nem sempre foi lembrado pelos estudiosos como um dos maiores nomes do romance de cordel. A vida desregrada, um misto de poeta boêmio e andarilho mercador de versos e cantador de viola, também contribuiu para que a sua obra fosse subtraída em sua autoria. O que levou a ter profundo desgosto ao ponto de rasgar os originais. (Brandão, 2021, p.8)

A citação reforça a autoria do poeta paraibano José Camelo de Melo Resende, independente dos motivos que o levou a rasgar os originais do seu romance de cordel. Atualmente o seu nome é lembrado como um expoente da literatura de cordel aqui no Brasil.

Quando observamos a estrutura e composição do enredo *O Romance do Pavão Misterioso*, percebemos que é um texto longo com 32 páginas, porém traz uma narrativa agradável com personagens fictícios<sup>6</sup>.

Ainda de acordo com Brandão (2021) ao falar sobre o Cordel de *O Romance do Pavão Misterioso* afirma que João Melquíades Ferreira da Silva, é o primeiro “[...] poeta a publica-lo em folheto. No entanto a materialização em impresso foi precedida por uma composição anterior – não escrita, mas forjada na mente e decorada para ser declamada [...]”. (p. 6). Essa autoria é atribuída a José Camelo de Melo Resende. Pois:

[...] A distinção na autoria e as diversas edições de um dos clássicos do gênero cordeliano permitiram muitas versões, na sua grande maioria se valendo do texto publicado por João Melquíades. Depois que este faleceu a família também venderia os direitos sobre a obra para Manoel Camilo dos Santos, que passa a publicá-la em Guarabira, em meados da década de 1950. se José Camelo é o criador da obra, cabe a Melquíades recriá-la em um novo texto que se torna a referência para as demais edições. Inclusive as que se fizeram com a autoria atribuída a José Camelo e a que ele próprio autorizou a ser publicada por Joaquim Batista de Sena, com a ressalva explicativa das primeiras estrofes e do acróstico final. (Brandão, 2021 p.10)

Sendo assim, o autor em destaque José Camelo de Melo Resende “[...] nasceu em 20 de abril de 1885, na localidade da cidade de Guarabira, onde hoje é atual cidade de Pilõezinhos e faleceu em Rio Tinto no dia 28 de outubro de 1964 [...]”. (Costa, 2014 p.14). A localização geográfica coloca a cidade de Guarabira-PB no Piemonte da Borborema. O autor é reconhecido atualmente pela Academia Brasileira de Literatura

<sup>6</sup> É uma palavra usada para referenciar coisas ou pessoas que não existe na vida real.

de Cordel, o patrono da cadeira nº 5, que fora ocupada pelo paraibano de nome José João dos Santos (Mestre Azulão) como era chamado.

A produção literária de José Camelo de Melo Resende, é repleto de lirismo<sup>7</sup>, como podemos identificar nas publicações a seguir. É importante destacar nesse momento que não foi possível colocar todas as datas das publicações correlacionadas aos títulos dos cordéis por causa das fontes pesquisadas, elas não forneceram essas informações. Por isso evidenciamos da seguinte forma de acordo com Brandão (2021) a sequência das publicações : *A verdadeira história de Joãozinho e Mariquinha* (XXXX) *A afilhada do padre Cícero* (XXXX) *Os martírios de Lelena* (XXXX), *História do poeta Ramos Patrício e Zulmira Feitosa: sofrimentos, amor e aventura* (1979) *História de três cavalos encantados e três irmãos camponeses* (1979) *As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por "Côco Verde" e "Melancia"* (1964) *A corrupção é assim* (XXXX) *A índia fidalga* (XXXX); *A neta de Canção de Fogo* (XXXX) *Entre o amor e a espada* (1948) *História do Conde Gaston Marcel e a Duquesa Estelita* (XXXX) *O valor da mulher* (1952), ainda continua.

Em Campina Grande, temos os que foram editados por Sebastião José do Nascimento, como a *Duquesa Estelita* (XXXX), *História do poeta Ramos Patrício e Zulmira Feitosa* (XXX) *A verdadeira história de Joãozinho e Mariquinha* (XXXX), e temos os editados pela A Estrela da Poesia, de Manoel Camilo dos Santos, a exemplo de *O índio Leão* (1958). Em Recife registramos a edição de João Martins de Athayde, *Entre o amor e a espada* (XXXX) e também *O Romance do Pavão Misterioso* (XXXX)

Ainda encontramos as edições feita por João José da Silva, como *História do bom pai e o mau filho* (xxxx), Pela Casa das Crianças de Olinda, temos o título *A corrupção é assim* (xxxx). Pela Editora Prelúdio em São Paulo, *O Pavão Misterioso em quadrinhos* (s.d.) e pela Luzeiro Editora também saiu a edição de *O Pavão Misterioso* (1976), e a *História de três cavalos encantados e três irmãos camponeses* (1979)

Em Fortaleza por Joaquim Batista de Sena, podemos citar *O Romance do Pavão Misterioso* (XXXX) a *História da princesa Adalgisa e o pintor Haroldo de Vilanaz* (XXXX), encontramos os folhetos editados por José Bernardo da Silva, *Pedrinho e Julinha* (1959) *Entre o amor e a espada* (1960), editado por Manoel Caboclo e Silva, *Estória de Aprígio Coutinho e Neusa* (1975). Ainda foi publicado no mesmo ano *A princesa Adalgisa e o pintor Haroldo de Vilanaz* (1975).

Portanto, as produções literárias apresentadas anteriormente seguindo as edições do autor paraibano José Camelo de Melo Resende nos mostram a sua importância enquanto artista e também um ser humano que contribuiu de forma significativa com a cultura popular nordestina e paraibana, esse reconhecimento é importante não só em relação a produção literária de José Camelo de Melo Resende, mas também para mostrar que ambos os poetas deram a sua contribuição com a literatura popular brasileira.

### **3. SÍNTESE DE O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO**

Antes de fazermos uma síntese da narrativa de *O Romance do Pavão Misterioso*, é necessário entender que “[...] em consideração o número de páginas. Um romance possuiria de 24 a 64, e o texto de Melquíades F. da Silva ocuparia 32 páginas [...]” (Oliveira, Corsi, Feldman, 2016, p.7). Isto define o gênero como literatura de cordel, porém, a narrativa se aproxima de um romance.

---

<sup>7</sup> Pode ser entendido como uma forma de expressar sentimentos.

De acordo com Brandão (2021) ao falar sobre *O Romance do Pavão Misterioso*, ele afirma que foi “[...] escrito originalmente com 40 páginas em 1923. João Melchíades Ferreira, ajudado por Romano Elias da Paz, obteve uma cópia e [...] reescreveu com apenas 32 páginas”. (Brandão, apud Viana, 2021, p.7). Possivelmente esse cordel foi cantado nas apresentações como era comumente feito pelos cordelistas.

Ao observarmos a narrativa identificamos alguns elementos que merecem destaque porque acontece em ordem cronológica e assim apresenta uma sequência de acontecimentos em datas e o espaço refere-se a Europa. *O Romance do Pavão Misterioso* é uma narrativa em versos e tem a sua estrutura da forma tradicional com 32 páginas e 141 estrofes, distribuídas em 6 versos de 7 sílabas e ainda apresenta foco narrativo na terceira pessoa. Em diálogo com Evaristo (2011) podemos compreender que:

A narrativa se estrutura [...] em dois planos: o plano do real, na medida em que são exaustivamente enfatizadas as condições econômicas concretas de que as personagens dispõem para realizar suas fantasias: as viagens, a contratação do artista-inventor para construir o pavão misterioso, a herança; por outro lado, o plano do maravilhoso: o fascínio ligado ao novo, ao belo, ao livre, ao moderno, à luta para alcançar um objetivo, como a construção de uma máquina de voar na forma de pavão ou a capacidade de se desapegar de bens locais e ir a terras distantes para conquistar esse novo. (p. 136)

A citação reforça o sentido de transcender<sup>8</sup> a realidade e conquistar algo novo, a literatura pode ser vista como uma forma de fuga para um mundo subjetivo. Nesse caso específico colocamos em evidência *O Romance do Pavão Misterioso* onde temos por objetivo fazer uma análise mais profunda para termos um olhar mais amplo e compreender o processo de formação das metáforas. Sendo assim, a narrativa da história começa com o narrador dizendo:

Eu vou contar a história  
De um pavão misterioso  
Que levantou voo na Grécia  
Com um rapaz corajoso  
Raptando uma condessa  
Filha de um conde orgulhoso

Residia na Turquia, um viúvo capitalista  
pai de dois filhos solteiros  
o mais velho João Batista  
então o filho mais novo é Evangelista

o velho turco era dono  
duma fábrica de tecidos  
com largas propriedades  
dinheiro e bens possuídos  
deu de herança aos seus filhos  
porque eram bem unidos

(Resende, 1980, p.1)

---

<sup>8</sup> Pode ser entendido como algo superior a nossa realidade.

O cordel conta a história de João Batista e Evangelista, filhos de um comerciante turco e muito rico. Com a morte do pai, eles herdam a herança e com o passar do tempo João Batista diz ao irmão que deseja viajar para conhecer outras culturas. Nesse momento Evangelista diz ao seu irmão que vai ficar cuidando dos negócios como sempre fez, porém pediu ao seu irmão que lhe trouxesse um presente feito para rapaz solteiro.

E assim, João Batista viaja por vários países até chegar a Grécia<sup>9</sup>, após alguns dias nesse país toma conhecimento da história de uma jovem condessa, por meio de um jornalista, que ela só pode sair do palácio uma vez por ano com a permissão dos pais, para ser adorada pela população. Então, Evangelista compra a foto da donzela que tem por nome de Creuza, ela é a moça mais bonita que existe naquele lugar.

Por causa da donzela Creuza é comum encontrar estrangeiros de várias partes do mundo, pois as pessoas viajam com o objetivo de conhece-la, é só nesse momento que a população pode admirar a sua beleza. Após esse momento de contemplação da jovem condessa, o conde não permite que outra pessoa possa se aproximar e muito menos educa-la. Se por acaso algum criado a ouvir falar pode até ser morto por ordem do conde.

No dia seguinte como era esperado, Creuza aparece na janela, nesse momento, os fotógrafos tiram os retratos e como era esperado, uma hora depois a condessa novamente desaparece. Então, João Batista compra do fotógrafo o retrato por um conto de reis e se fosse mais caro ele diz que empenharia até os anéis, pois grande é o interesse pelo retrato da condessa.

Então, o jovem João Batista regressa a Meca, cidade onde mora, Evangelista o recebe com festa, é nesse momento que o retrato da condessa é entregue. Ao contemplar a jovem, Evangelista apaixona-se de imediato por Creusa e decidiu pedi-la em casamento. Para que Evangelista pudesse realizar o desejo de ir ao encontro da jovem donzela, os irmãos desfizeram a sociedade que mantinham nos negócios que fora herdada. Quando Evangelista chega a Grécia, hospeda-se num humilde hotel para que ninguém suspeitasse que ele é um rapaz muito rico.

O tempo passa e nesse hotel Evangelista fica por 8 meses sempre disfarçado para não despertar desconfiança. Após esse tempo de espera, finalmente chega o momento de a condessa aparecer novamente e nesse dia a cidade encontrava-se repleta de estrangeiros. Então:

As duas horas da tarde  
 Creusa saiu á janela  
 mostrando sua beleza  
 entre o conde e a mãe dela  
 todos tiraram o chapéu em continência a donzela.

Quando Evangelista viu  
 o brilho da boniteza  
 disse: vejo que o meu mano  
 quis me falar com franqueza  
 pois está gentil donzela  
 é rainha da beleza

(Resende, 1980, p. 10)

---

<sup>9</sup> País que está localizado na Europa.

Por não conseguir falar com Creusa, nesse momento, Evangelista volta para o hotel onde estava hospedado para ter uma ideia. No dia seguinte, quando saiu para o passeio encontra-se com um jornalista e pergunta se na cidade existe algum artista, em resposta ao jovem o jornalista lhe diz que na cidade tem o doutor Edmundo, ele é engenheiro e o maior inventor de maquinismo que existe.

Evangelista vai à casa de Edmundo e tenta esconder que é um estrangeiro, oferece-lhe dinheiro por um invento. O engenheiro pergunta qual é a verdadeira intenção? O rapaz confessa que ama a filha do conde, a mulher mais formosa da cidade, por isto precisa de uma invenção para alcançar o objetivo.

O engenheiro Edmundo aceita o convite, porém diz que vai trabalhar 6 meses, pois o invento é desconhecido. Evangelista oferece-lhe dinheiro como adiantamento, mas o engenheiro não aceita, só depois que ficar pronta a invenção. E mais uma vez o tempo passa, após concluir o invento Edmundo explica a Evangelista que fez um aeroplano em forma de um pavão, esse invento arma e também desarma apenas com o toque no botão. Este invento suporta dez arroba e consegue voar três léguas acima do chão.

Depois de tanta espera Edmundo e Evangelista experimentam a invenção. Edmundo cobra o pagamento, cem contos de reis, Evangelista acha que está muito barato, e como forma de valorizar o trabalho feito pelo engenheiro lhe paga 200 contos de reis. E de presente Edmundo deu a Evangelista uma serra azougada que conseguia serrar caibros e ripas sem barulho e ainda lhe deu um lenço que ao passar no nariz provoca desmaios.

Então, no dia seguinte à meia noite o rapaz colocou o plano em prática levantando voo até ao palácio, onde encontrava-se Creusa dormindo em seu quarto, coberta por um cortinado de seda amarela, porém a moça ficou assustada ao acordar e gritou pelo pai pensando que fosse um bandido que havia entrado em seu quarto, mas o rapaz lhe pediu em casamento e ainda diz que não há perigo, ele está pronto para defende-la. Depois de algumas tentativas, Evangelista consegue raptar a jovem em seu aeroplano.

O casamento é realizado na Turquia na casa de João Batista no mesmo dia em que chegaram. Nesse momento Creusa recebe um telegrama de sua mãe relatando que o pai da condessa havia morrido, por esse acontecimento eles precisam voltar para administrar e tomar conta de toda herança.

Enfim, na manhã do dia seguinte após o enlace matrimonial, ainda com os trajes do casamento, os noivos voltaram no mesmo aeroplano para a cidade de Atenas. E ao chegar, eles foram recepcionados pela população e “Na tarde do mesmo dia/ que o pavão foi chegando/em casa de Edmundo/ficou o noivo hospedado/seu amigo de confiança/que foi bem recompensado (Resende, 1980, p. 32). Pelos novos herdeiros.

#### **4. O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO E A SUA LEITURA**

Antes de falar sobre *O Romance do Pavão Misterioso*, escrito por José Camelo de Melo Resende e publicado por João Melquíades Ferreira da Silva, ambos poetas nordestinos e paraibanos é fundamental saber a origem dessa literatura popular que comumente ouvimos falar. Porém muitas das vezes não paramos para questionar como essa literatura foi popularizada aqui no Brasil.

É importante enfatizar que a mídia também cumpre com essa função de divulgação, pois foi por meio dela que *O Romance do Pavão Misterioso* se popularizou entre os brasileiros. Em 1974 a música que tem por título “pavão misterioso” faz



referência ao romance mencionado, pois esta música foi gravada na voz de Ednardo durante a época da ditadura militar.<sup>10</sup>

Diante do que está sendo exposto, podemos observar que *O Romance do Pavão Misterioso* também teve adaptações para as produções de tv e de teatro. Na Rede Globo destacamos a novela *Saramandaia* em 1977 e em 2013 foi feita a segunda versão do folhetim; ainda evidenciamos as adaptações em história de quadrinhos conhecido como HQs, gênero textual que atrai muitos leitores, não só o público adulto, mas também o público infantojuvenil.

Sobre a origem da literatura de cordel podemos afirmar que:

Oriundos de países europeus, também conhecidos como ibéricos (Portugal e Espanha) na Era Medieval mais precisamente entre os séculos XI e XII os livretos eram recitados nos palácios, arraiais, lugarejos e festas, pelos então conhecidos de “menestréis ambulantes”, os trovadores da época os primeiros poetas da literatura oral, conhecida como arte popular da província, denominando-se o principal dialeto da região. Em meados de 1450, com o aparecimento da imprensa essa literatura passou a ser impressa em papeis de péssima qualidade e vendidos a população por baixo custo essa novidade da escrita foi se expandindo por outros países, chegando a Alemanha, Itália e França. Destacamos que os primeiros folhetins foram originados de Portugal, conhecido como o berço histórico da literatura oral comparados a outros países foi considerado rico culturalmente; sua literatura popular era variada compostas pelas danças, festas religiosas que faziam parte da tradição. No Brasil, a literatura de cordel chegou através dos colonizadores europeus no final do século XVIII para o XIX (1790) introduziu-se no Nordeste, inicialmente na Bahia. E se desenvolveu com mais intensidade nos estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco. (Andrade, 2014, p.7 - 8)

Podemos observar que a citação mostra os séculos XI e XII com grande expressão artística, pois os recitais aconteciam em palácios por meio dos “menestréis ambulantes”, ou seja, pelos trovadores que na época também eram chamados de poetas populares que produziam a literatura oral, a arte popular tão comum aos nossos dias atuais. A partir do século XV podemos observar que surgiram histórias que também servem de referência para a literatura de cordel, a exemplo da “História da Donzela Teodora”, “A princesa Magalona”, “História da Imperatriz Porcina” entre outras.

Uma dessas produções mencionadas anteriormente, que ainda faz muito sucesso em Portugal desde o século XVI é a história “[...] da imperatriz porcina, mulher do imperador Londônio, de Roma. E ainda os contos portugueses trouxeram para o Brasil as histórias religiosas de encantamento e de heroísmo [...]” (Costa, 2012, p.6). Essas histórias adentraram na imaginação dos brasileiros diversificando em outras histórias que ainda estão presentes em nosso país. De acordo com Câmara Cascudo compreendemos que:

A tradição manteve no espírito português esse corpus. E no século do descobrimento, no fecundo século XVI, partindo-se da expedição geográfica de 1501, as histórias populares de Portugal são semeadas no Brasil, para uma floração sem fim. (Cascudo, 1984, p.170)

---

<sup>10</sup> Palavra usada para definir o período da história em que o Brasil foi governado pelos militares.

Podemos compreender por meio da citação que, “Embora exista em todo território nacional foi no nordeste do Brasil que a literatura de cordel se desenvolveu de forma excepcional sobre tudo nos últimos cem anos” [...] (Luyten, 2007, p.44). Isso só vem demonstrar que vivemos em um país, onde a cultura popular faz parte das nossas raízes socioculturais.

Sendo assim, a leitura que podemos fazer sobre *O Romance do Pavão Misterioso* em pleno século XXI são diversas, porém demarco neste momento a metáfora existente entre o objeto que faz o rapto da condessa Creusa com a descrição feita durante a narrativa como se fosse algo misterioso ou como se fosse algo de uma grande beleza.

É importante ressaltar que é uma narrativa de agrado popular, pois o estilo “[...] romancista [...] do ‘Pavão Misterioso’ nos permite acreditar que na sua criação teve inspiração nos contos das ‘Mil e uma Noites’. A cada estrofe lida a curiosidade aumenta. (Costa, 2014, p. 11) Para saber qual é o desfecho da história que cativa o leitor de forma surpreendente.

Podemos observar que “O Pavão Misterioso de José Camelo de Melo Resende, inspirado talvez num tapete voador árabe, embora o enredo se passe na Europa [...] especificamente na Turquia e na Grécia” [...] (Costa, 2014, p.13). Lugares onde é feito a narrativa da história.

A leitura de *O Romance do Pavão Misterioso* “[...] revela-nos [...] Narrativa popular, reprodutora das estruturas do “conto fantástico”, [...] manifesta [...] um aspecto lúdico [...]”. (Júnior, p. 33). Embora não seja este o nosso objetivo falar do fantástico, mas podemos visualizar aspectos na narrativa poética do texto, porque temos uma fulga da realidade para uma dimensão de tempo e espaço.

É importante enfatizar que *O Romance do Pavão Misterioso* foi publicado em 1923, após 100 anos de sua publicação ainda continua sendo o mesmo que encanta e fascina os leitores. A história faz com que as pessoas vivam um conto de fadas, momentos ímpares que só existe na literatura, é um mundo repleto de possibilidades, onde podemos encontrar na imaginação um lugar de tempo e espaço diferente da nossa realidade.

Portanto, *O Romance do Pavão Misterioso* ainda continua sendo o cordel de grande evidência e expressão literária desse gênero popular. Escrito por João Melquiades Ferreira da Silva a partir dos originais de José Camelo de Melo Resende, esse cordel abre espaços para novos estudos.

## **5. O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO E AS METÁFORAS**

Quando falamos em *O Romance do Pavão Misterioso* também falamos em cultura popular, por isto é importante compreender as críticas em prol desse gênero literário, pois o cordel foi “[...] considerada como gênero menor e sua literariedade questionada duplamente, uma vez que se adapta ao gosto popular, baseada na oralidade e por ser dirigida a uma população não letrada [...]” (Oliveira, Corsi, Feldman, p. 2-3). Essa população não tinha acesso as literaturas canônicas, eles eram considerados incapazes de compreender uma literatura tão rebuscada.

Ressalte-se que *O Romance do Pavão Misterioso* adquiriu uma determinada importância segundo Brandão ao falar sobre o cordel, “[...] o certo é que o texto poético rapidamente ganhará reedições. A mais antiga das que se conhece tem exatamente 32 páginas, o principal padrão de paginação dos romances em versos [...]” (p. 6). A narrativa é um texto poético, onde podemos observar a estrutura do romance em versos e as edições nos mostra a aceitação do público por uma história que cativa as pessoas e dessa forma foi ganhando popularidade.

Demarcado como objeto de estudo, a metáfora de *O Romance do Pavão Misterioso*, escrito por José Camelo de Melo Resende, vindo a ser publicado por João Melquíades Ferreira da Silva, sendo eles poetas nordestinos e paraibanos colocamos em evidência a metáfora, pois é possível perceber por meio da narrativa que ela ganha uma projeção de grande importância. Então, essas observações expostas anteriormente, onde visualizamos as metáforas ou expressões metafóricas no texto poético, mostra que na narrativa de *O Romance do Pavão Misterioso* encontramos “[...] todos os elementos de ambientação, [...] O cordel recitado, ou cantado, sugere a revivência da experiência, aproximada (em tempo e espaço) do narrador e ouvinte [...]”. (Santos, Carreirão, Vianna, 2008, p.5). Dessa forma podemos adentrar num mundo onde a fantasia transcende a realidade.

Quando falamos em ambientação<sup>11</sup> em *O Romance do Pavão Misterioso* é preciso compreender que a sua narrativa, embora seja feita de forma lúdica, nos leva a outros lugares com valores e costumes diferente da nossa cultura, onde visualizamos a influência dos mouros na Península Ibérica, povos que estão representados na narrativa.

É nesse contexto que inserimos a importância dos estudos do autor Walter Castro para este artigo acadêmico. Pois em seu livro *Metáforas machadiana forma e função*, o autor fala sobre a metáfora em textos literários, mostra a relação da metáfora em expressões das quais podemos identificar em *O Romance do Pavão Misterioso* quando lemos atentamente. É preciso compreender a complexidade existente em relação ao uso da metáfora ou as expressões metafóricas por meio de um conceito que não é tão simples de fazer, porém podemos entender que “Pode-se distinguir assim dois tipos gerais de metáfora: a comum, corrente, e aquela provinda de uma intuição criativa. [...] o termo metafórico.” (Castro, p. 20), causado por um processo de transposição. Pois:

A metáfora, no sentido mais amplo, conforme a lição de renomados linguistas que ultimamente se tem voltado para os difíceis estudos do significado, abrange, de fato, uma larga faixa de “figuras” que a antiga retórica distinguia com base em traços diferenciais sutilíssimos, mas necessários para a época em que a oratória constituía a arte suprema da expressão. Deixando de lado essas distinções, alguns linguistas afirmam que todo as “figuras” fundadas numa associação por similaridade podem caber num só tipo ou seja, a metáfora. Por outro lado, vê-se nascer, ou melhor renascer sob outra vestimenta o interesse em se manterem distintos os principais tropos, naturalmente sem o exagero classificatório dos antigos e dos clássicos. Toda via, é conveniente sem o exagero oposto que tem levado alguns estudos a considerar a metáfora uma superfigura que englobe todas as outras. Num e noutro caso, a questão é controvertida, e tem suscitado interpretações, o que a torna bastante problemática e até polêmica. (Castro, 1978, p.28)

A citação nos mostra que ainda existe uma disparidade no consenso em relação ao que pode ser considerado uma metáfora, por ser definida como uma superfigura que engloba todas as outras definições ou conceitos que a envolve. Isso leva a uma alusão controvertida para além do que pode representar, levantando interpretações e polêmicas a respeito do uso da metáfora e de suas expressões.

Referente a essas expressões podemos dizer em outras palavras que “[...] a metáfora é essencial à compreensão humana pela criação de novos sentidos [...]”

<sup>11</sup> Refere-se ao local de tempo espaço, onde acontece a narrativa da história.

(Mandarino, 2010, p. 2). Pois para entender a metáfora é preciso estabelecer um termo entre o autor e o leitor. Dessa forma podemos compreender como esse processo ocorre durante a leitura ou quando o escritor ou o poeta está escrevendo um texto para expressar o seu pensamento.

É importante ressaltar nesse momento que os estudos das “figuras” ou tropos como pode ser conhecido “[...] tem merecido atuação desde a antiguidade, quando, principalmente, os gregos procuraram sistematizá-las, classificá-las segundo a sua natureza [...]” (Castro, 1978, p. 3), com a finalidade de enfeitar os discursos, tornando-os mais belos e eloquentes.

Então, é preciso compreender que as metáforas<sup>12</sup>, também podem estar relacionadas a características linguísticas e culturais, esse recurso não só tem a finalidade de deixar o texto mais bonito, porém o uso de metáfora pode fazer com que o texto ganhe um forte impacto para reforçar uma determinada ideia. “As metáforas são construídas partindo-se de um domínio-fonte para um domínio-alvo, o que significa dizer que o uso de uma palavra com determinado significado em um enquadre contextual [...]” (Castro, 1978, p.5), atribuindo-lhe uma nova compreensão.

Nessa busca de compreender o que é metáfora e como ela pode ser usada para uma função específica visualizamos que essa busca não é objeto de estudo do mundo atual em que vivemos. Os gregos na antiguidade já procuravam definições importantes para estabelecer um conceito que fosse consistente. “Na época contemporânea, desde o Simbolismo, tem havido conceituada busca de imagens mais ousadas por parte de poetas e prosadores que nesse campo, vem se rivalizando fortemente.” (Castro, 1978, p.11); e atualmente ainda continua.

As configurações do mundo atual nos mostram que devemos compreender e interagir de forma objetiva com as pessoas como parte desse processo em construção, pois “A linguagem científica não aceitava expressões que não fossem “puras”. Durante séculos foram muitas as críticas às palavras ou expressões que não representassem fielmente o pensamento. Era grande a preocupação com as palavras.” (Mandarino, 2010, p. 3). Isso nos faz ver as várias possibilidades de escrever uma história e como contar essa história por meio de uma narrativa que seja agradável.

Quando direcionamos o nosso olhar para a compreensão da metáfora ou expressões metafóricas em relação ao *O Romance do Pavão Misterioso*, visualizamos que “A metáfora não é só um meio expressivo, ou estético ou poético, mas também é um procedimento de criação lexical e estilística, que afeta o conjunto da linguagem, escrita e fala.” (Castro, 1978, p.22), surgindo assim expressões com aspectos referentes a elementos da natureza.

Sendo assim, podemos observar que a metáfora ou expressões metafóricas em *O Romance do Pavão Misterioso* aparecem pela primeira vez nos versos em que existe uma relação do objeto voador com a comparação feita da ave em sua forma figurativa. Pois como análise, objetivamos expor uma sequência de acontecimentos presente na narrativa, onde visualizamos as expressões metafóricas, sendo elas importantes tanto na história quanto em sua forma de expressão.

Colocando em evidência que a metáfora pode ser observada como uma forma de comparação podemos identificá-la nos versos analisados, onde temos a relação direta ou uma relação explícita do termo comparado e do termo comparante, atribuindo-lhes um sentido em forma de comparação

---

<sup>12</sup> Pode ser definida como uma figura de linguagem.

Nesse primeiro verso que corresponde a estrofe 56 identificamos a expressão metafórica feita pelo engenheiro Edmundo quando diz:

Eu fiz um aeroplano em forma de um pavão  
Comprimindo num botão  
E carrega dez arroubas  
Três léguas acima do chão  
(Resende, 1980, p. 13)

A citação mostra a aproximação entre dois termos, ou seja, o aeroplano e o pavão. É nesse sentido de comparação entre o comparante e o comparado que identificamos a metáfora, pois a expressão “Eu fiz um aeroplano em forma de um pavão” (Resende, p.13) nos remete a ideia de o objeto voador ter uma aparência figurativa da ave e para reforçar a ideia o engenheiro Edmundo diz que “[...] ficou com bonita vista.” (Resende, 1980, p.13), atribuindo a beleza do pavão ao aeroplano.

Nesse sentido quando falamos em beleza é preciso entender que a idealização do objeto voador foi feita de forma planejada para que a invenção conseguisse ter o êxito e dessa forma garantir o sucesso do plano para raptar a jovem condessa, mesmo que para isso houvesse um tempo de espera.

No segundo verso escolhido que corresponde a estrofe 57 na sequência do texto poético, encontramos a descrição de que “O monstro girou suspenso / maneiro como um balão.” (Resende, 1980 p. 14). Podemos observar mais uma vez a forma comparativa entre o comparante e o comparado de forma explícita, onde a metáfora surge fazendo referência a palavra monstro como se o aeroplano fosse o balão, remetendo a ideia de voar rápido e leve e dessa forma sugere algo fora da nossa realidade humana.

No terceiro verso escolhido que corresponde a estrofe 58 na sequência do texto poético, encontramos a descrição “O pavão de asa aberta” (Resende, 1980, p. 14), termo esse que possibilita identificar a metáfora quando refere-se a ideia de liberdade sem ter nada que possa lhe prender ou impedir o seu voo.

No quarto verso escolhido que corresponde a estrofe 98 na sequência do texto poético, encontramos a descrição “Evangelista saiu/ pois o dedo no botão/ seu monstro de alumínio/ ergueu logo a armação/ dali foi se levantando/ seguiu voando o pavão.” (Resende, 1980, p. 24). A expressão “monstro de alumínio” faz referência direta ao aeroplano, mostra a sua forma e função, dando a ideia de ser algo poderoso que ninguém pode prender.

No quinto verso escolhido que corresponde a estrofe 119 na sequência do texto poético, encontramos a descrição “E a gaita do pavão/tocando em rouca voz/ o monstro de olhos de fogo/ projetando seus faróis/ o conde mandando pragas/disse a moça é contra nós.” (Resende, 1980, p. 29). Na expressão “o monstro de olhos de fogo” mostra a metáfora com a intenção de causar impacto, afirmando que o aeroplano é realmente um objeto poderoso ou um objeto mágico que atribui poderes sobrenaturais.

No sexto verso escolhido corresponde a estrofe 130 na sequência do texto poético, encontramos a descrição “Os noivos tomaram assento/ no pavão de alumínio/ e o monstro levantou-se/foi ficando pequenino/ continuou o seu voo/ no rumo de seu destino.” (Resende, 1980, p. 32). A expressão metafórica “pavão de alumínio” mostra a sua forma e função para o objetivo que o aeroplano foi criado e também mostra o seu valor enquanto elemento nobre existente na natureza como uma forma de mostrar o seu valor.

No sétimo verso escolhido corresponde a estrofe 131 na sequência do texto poético, encontramos a seguinte descrição “Na cidade de Atenas/estava a população/ esperando pela volta/do aeroplano pavão/o cavalo do espaço/que imita o avião.” (Resende, 1980, p. 32). Então, para entender a metáfora existente nesse sétimo verso exposto aqui é preciso observar a relação entre o termo comparado e o termo comparante, pois a expressão “aeroplano pavão” “cavalo do espaço” são termos usados para fazer a comparação e a metáfora reforça a ideia de que é preciso estabelecer um sentido.

Quando estabelecemos um sentido em relação as metáforas ou expressões metafóricas, compreenderemos que a “Língua é instrumento humano para dar sentido ao mundo (codificação) através de categorias do léxico e da gramática [...] os sistemas simbólicos de uma cultura envolvem [...]” (Mandarino, 2010, p. 4). A linguagem como forma de comunicação usa as metáforas para fazer comparação reforçando o pensamento de maneira mais ampla.

Portanto, é preciso entender que a literatura de cordel faz parte da nossa identidade regional e a metáfora existente na narrativa de *O Romance do Pavão Misterioso* mostra um recurso metafórico que está presente na gramática normativa e dessa forma podemos instigar ainda mais a curiosidade do leitor quando ele tem acesso a narrativa do texto poético.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese é possível dizer que o uso da metáfora em *O Romance do Pavão Misterioso* ressalta o aspecto sociocultural presente por meio da linguagem e a expressão regional; demarca a nossa identidade brasileira, paraibana e nordestina. Apesar da disparidade entre o poeta José Camelo de Melo Resende e o poeta João Melquíades Ferreira da Silva em relação a verdadeira autoria do cordel *O Romance do Pavão Misterioso* escrito em 1923, isso não inferioriza a contribuição dos poetas mencionados em relação a produção brasileira de literatura em cordel.

A fundamentação teórica para esse artigo acadêmico tem por base o livro do autor Walter Castro que fala sobre as metáforas em sua forma e função, colaborando nesse processo de uso da metáfora em *O Romance do Pavão Misterioso* onde identificamos as expressões metafóricas. A Literatura é uma forma de expressão humana e o autor pode, por meio de expressões metafóricas, nos levar a um mundo onde as palavras podem ganhar um novo sentido e assim ressignificamos até o sentido da nossa própria existência humana.

Sendo assim, a escolha do cordel *O Romance do Pavão Misterioso* como objeto de estudo evidencia a metáfora como um recurso linguístico presente no texto poético, onde o autor usa expressões metafóricas para fazer a referência do termo “aeroplano pavão”, ou seja, a relação direta entre o termo comparado e o termo comparante. Então, observa-se que os versos são rimados e distribuídos em sextilhas, a narrativa é feita na terceira pessoa, sempre em ordem cronológica e traz como personagens principais Evangelista e Creusa. Mostrando uma transformação de vida.

Portanto, desde o surgimento da humanidade o homem busca meios e formas de comunicação para deixar o seu legado as futuras gerações. Essa preocupação nos faz entender a capacidade intelectual do ser humano que se torna infinita diante de muitas possibilidades que o homem tem de contar e também de escrever histórias ou ainda de fazer adaptações de histórias verdadeiras ou fictícias para serem disseminadas entre as pessoas como meio de interação social, independente do tempo ou da época em que estamos vivendo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE Karla Jordania Bezerra **O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO: DO FOLHETO AOS GUADRINHOS E AO TEXTO INFANTIL.** 2014. Acesso em 20/08/2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4670/1/PDF%20-%20Karla%20Jord%C3%A2nia%20Bezerra%20Andrade.pdf>

BRANDÃO, Antônio Helonis Borges. **TRAJETÓRIAS DE UM CLÁSSICO: AUTORIAS, EDIÇÕES E LEITURAS DO PAVÃO MISTERIOSO.** 2021 Acesso em 20/08/2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/download/1636/670/>

CASCUDO, Luiz câmara. **Literatura Oral no Brasil.** – 3 Ed. – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed universidade de São Paulo, 1984

COSTA, Eliene Medeiros. da palimpsestos bíblicos em sombra severa, de Raimundo carreiro 2012. Acesso em 20/08/2023. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2596/2/PDF%20-%20Eliene%20Medeiros%20da%20Costa.pdf>

COSTA, João da Silva. **LITERATURA DE CORDEL : A POETICA DO ROMANCE O PAVAO MISTERIOSO** 2014 Acesso em 20/08/2023. Disponível: em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3327/1/PDF%20-%20Jo%C3%A3o%20da%20Silva%20Costa.pdf>

CASTRO, Walter de. **Metáforas machadianas forma e função** Rio de Janeiro 1978

EVARISTO, M. C. **O cordel em sala de aula.** In: BRANDÃO, H. N. (Org.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica.** São Paulo: Cortez, 2011.

JUNIOR, Luiz T. **o MISTÉRIO DO PAVÃO MISTERIOSO** Acesso em: 30/09/2023 Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51118/1/1974artltavaresjunior>

LUYTEN, Joseph Maria **O que é literatura de cordel.** São Paulo: Brasiliense, 2007  
OLIVEIRA, Pedrina Carvalho de. CORSI, Margarida da Silveira, FELDMAN, Alba Krishna Topan. **Literatura de cordel e letramento literário: uma sequência básica de leitura para “O Romance do Pavão Misterioso”** Acesso em 20/08/2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/45333229/Literatura\\_de\\_cordel\\_e\\_letramento\\_liter%C3%A1rio\\_uma\\_sequ%C3%A2ncia\\_b%C3%A1sica\\_de\\_leitura\\_para\\_O\\_Romance\\_do\\_Pav%C3%A3o\\_Misterioso](https://www.academia.edu/45333229/Literatura_de_cordel_e_letramento_liter%C3%A1rio_uma_sequ%C3%A2ncia_b%C3%A1sica_de_leitura_para_O_Romance_do_Pav%C3%A3o_Misterioso)

MANDARINO, Georgina dos Santos Amazonas Mandarino **TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL- OS CANDIDATOS, O POVO E A MÍDIA** 2010 Acesso em 05/10/2023. Disponível em: [periodicos.unb.br/index.php/rd/article/download/](http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/download/).

RESENDE, José Camelo de Melo. **O pavão misterioso**. São Paulo: Luzeiro, 1980.

SANTOS. Elisa Duque Neves dos, CARREIRÃO Paula, VIANNA, Sabrina O corpo e a voz na contação de **O Pavão Misterioso** 2008 Acesso em 20/08/2023. Disponível em:

<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S3/sabrinavianna.pdf>